

A Revolução Russa e o trabalho das mulheres

Clarissa Maçaneiro Viana

Resumo: O presente artigo busca abordar quais os impactos causados pelo processo revolucionário no trabalho das mulheres russas no espaço fabril e as respectivas políticas aplicadas pelo Estado operário nessa esfera, do período pré 1917 até o ascenso do stalinismo. Para tal, inicia-se com um panorama do período pré-Revolução, onde, com o crescimento da industrialização no país e o fim do regime de servidão, houve o aumento da migração das mulheres para os centros urbanos e a consequente presença nas mulheres nas fábricas (em condições extremamente precárias). No transcurso das mobilizações ocorridas no processo revolucionário, as mulheres assumiram papel fundamental, tendo as camponesas participado do confisco das propriedades dos nobres e as operárias se reunido para debater os problemas de baixos salários e assédios sexuais. As tarefas colocadas para o movimento operário de mulheres dentro do partido bolchevique eram centradas em dois eixos: a abolição das leis que colocavam a mulher em situação de desigualdade em relação ao homem e a libertação da mulher das tarefas domésticas. Abordaremos as políticas adotadas pelos revolucionários após a criação do Estado operário com a finalidade de coletivizar as atividades relativas à reprodução da vida e garantir maior igualdade no espaço fabril, bem como os efeitos sobre elas causados com o fim da Guerra, as restrições econômicas da NEP e o ascenso do stalinismo.

Palavras-chave: Revolução Russa, mulheres, trabalho, socialismo.

The Russian Revolution and women's work

Abstract: The present article seeks to address the impact of the revolutionary process on the work of Russian women in factories and the correspondent policies applied by the workers' state in that sphere from the pre-1917 period until the rise of Stalinism. Therefore, it begins with a panorama of the pre-Revolution period, where, with the growth of industrialization in the country and the end of the easement regime, there was an increase in the migration of women to urban centers and the consequent presence in women in the factories (under extremely precarious conditions). During the mobilizations that took place in the revolutionary process, women took on a fundamental role, with the peasantry participating in the confiscation of the estates of the nobles and the workers meeting to discuss the problems of low wages and sexual harassment. The tasks assigned to the women workers' movement within the Bolshevik party were centered on two axes: the abolition of laws that placed women in a situation of inequality in relation to men and the liberation of women from domestic tasks. We will approach the policies adopted by the revolutionaries after the creation of the workers' state with the purpose of collectivizing the activities related to the reproduction of life and guarantee greater equality in the factory space, as well as the effects on them caused by the end of the War, the economic restrictions of the NEP And the rise of Stalinism.

Keywords: Russian Revolution, women, labor, socialism.

O processo revolucionário de 1917 teve impacto direto e decisivo no trabalho das mulheres russas. No presente artigo abrangearemos alguns aspectos da participação das mulheres no trabalho nas fábricas e a regulamentação estatal conferida a ela, do momento anterior à Revolução até o início do stalinismo.

A partir de meados do século XIX, com o crescimento da industrialização na Rússia, a presença nas mulheres nas fábricas era uma realidade que se apresentava como crescente. Muito embora o país ainda fosse de população eminentemente rural, houve um aumento significativo da população habitando os centros urbanos, mormente pela migração de camponeses e camponesas libertados do regime de servidão, que existiu até 1861. Assim, entre 1811 e 1914, o percentual da população russa morando nessas áreas passou de 6.6% para 15%.¹

Se no início do processo de industrialização a maioria das pessoas que migravam para as cidades eram homens, de modo que suas esposas e filhos na propriedade rural, os anos 1910 foram marcados por um aumento significativo no número de mulheres migrantes² que se deslocavam aos centros urbanos para laborar nas fábricas. Um dos fatores decisivos para essas mudanças foram as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias mais pobres e o início da I Guerra Mundial, com o conseqüente envio de parcela significativa da população masculina às trincheiras. De acordo com o relatório de inspeção fabril de 1885, as mulheres correspondiam a 22% da força de trabalho nas fábricas russas, subindo para 32% em 1914, o que correspondia a aproximadamente 660 mil mulheres.³ Elas compunham, nesse mesmo ano, 59% da força de trabalho nas fábricas têxteis.⁴

Os salários das mulheres variavam conforme a experiência prévia e o ramo da indústria, porém a regra era receberem importe inferior aos homens: no início do século, elas percebiam de metade a dois terços do salário pago a eles para uma mesma função⁵. As condições de trabalho nos ambientes fabris estavam entre as mais precárias dentre os países europeus industrializados, sendo frequente os trabalhadores e trabalhadoras serem submetidos a turnos de treze horas diárias durante seis dias na semana, fábricas

¹ CLEMENS, Barbara Evans. **A history of women in Russia**: from earliest times to the present. Bloomington: Indiana University Press, 2012. p. 112.

² Ibidem, p. 134.

³ Ibidem, p. 136

⁴ GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução**: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936.1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Boitempo: Iskra Edições, 2014. p. 17.

⁵ POKROVSKAIA, M.I., *Peterburgskaiarabotnitsa*, *Mir bozhii*, n. 12 (dez 1900): 35 *apud* ENGEL, Barbara Alpern. **Beetwenn the fields and the city**: Women, work, and Family in Russia, 1861-1914. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 149.

praticamente sem ventilação e com maquinaria e produtos altamente nocivos à saúde e segurança.

Em 1885 instituiu-se a proibição de trabalho noturno para mulheres e crianças, porém a fiscalização era esporádica e as multas pelo descumprimento eram baixas.⁶ Outras normas de cunho protetivo foram estabelecidas de forma esparsa entre os anos de 1880 a 1890, tendo como foco a proibição do trabalho noturno feminino e em ocupações potencialmente perigosas⁷, bem como a instituição de inspeções de fábricas, as quais, para Glickman, tinham como intuito principal a promoção da conservação das indústrias russas ao invés da proteção da saúde de seus trabalhadores e trabalhadoras⁸. Ela cita como exemplo a revogação da necessidade de autorização do marido para que as mulheres trabalhassem nas fábricas, a qual teria ido ao encontro da demanda por mão-de-obra, sem que fosse de fato levado em consideração o aspecto de oferecer às mulheres casadas maior liberdade e independência⁹. As limitações da legislação até então existente também diziam respeito à sua abrangência, visto que eram restritas às fábricas e ao empregador industrial, de modo a deixar desprotegido o trabalho exercido nas oficinas artesanais, no comércio e no clérigo¹⁰.

Ainda que a organização das mulheres fosse dificultada pelas condições materiais às quais estavam submetidas, foram várias as mobilizações das quais elas participaram com protagonismo, a exemplo dos motins em uma fábrica manufatureira em Kregolm em 1872 e numa fábrica de tecidos de Lázaev em Moscou em 1874 e das greves de tecelãs e tecelões em Oriékhovo-Zúevo em 1885 – fruto da pressão dessas greves é que o governo czarista se viu forçado a promulgar a legislação supracitada acerca do trabalho noturno de mulheres e crianças¹¹. O mesmo ocorreu nos anos que se seguiram, com diversas greves e atos tendo presença significativa das mulheres.

Alexandra Kollontai, militante que integrava o Comitê Central do partido bolchevique e que, após a Revolução, assumiu como Comissária do Bem-Estar Social, escreveu sobre a participação das mulheres no ambiente fabril em 1908. Ela reconhecia a importância da inserção das mulheres no espaço produtivo, vez que o capitalismo, ao retirá-las do espaço privado, convertia “essas mulheres submissas e passivas, escravas

⁶ CLEMENTS, Barbara Evans. Op. cit., p. 137.

⁷ ILIC, Melanie. **Women workers in the soviet interwar economy**. London: Macmillan Press, 1998, p. 26.

⁸ GLICKMAN, Rose, APUD ILIC, Melanie. *Women workers in the soviet interwar economy*, p. 19.

⁹ Idem.

¹⁰ Ibidem, p. 20.

¹¹ Da história do movimento das trabalhadoras na Rússia. Em: **A Revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 191-192.

obedientes dos maridos, num exército que luta pelos próprios direitos e pelos direitos e interesses da comunidade humana”¹², o que despertaria o espírito de protesto e fortaleceria a individualidade delas e o sentimento de coletividade.

Se por um lado as mulheres burguesas somente em meados do Século XIX buscariam o mercado de trabalho, com vistas a exercer profissões intelectuais em universidades, oficinas artísticas e escritórios, a realidade das mulheres proletárias sempre foi distinta. Kollontai localiza a inserção das mulheres proletárias no espaço fabril como parte integrante da necessidade do capital de obter mão-de-obra barata, de modo que essas mulheres, que sempre carregaram “a pesada cruz do trabalho assalariado”¹³, agora se viam duplamente exploradas: tanto pelo trabalho doméstico como pelo trabalho nas fábricas¹⁴.

A defesa de uma legislação trabalhista seria, então, um dos recursos mais radicais de defesa dos interesses do proletariado¹⁵, de modo que Kollontai elenca reivindicações do partido bolchevique que atenderiam as necessidades imediatas das mulheres.

Dentre as concernentes ao espaço fabril, destacam-se: a supressão de todas as leis que subordinam as mulheres aos homens; a ampliação da legislação trabalhista a fim de abranger todos os setores da indústria, agropecuária, do trabalho e dos serviços domésticos, bem como o estabelecimento de uma jornada de trabalho máxima de oito horas diárias na indústria e no comércio e de dez horas no trabalho rural durante o verão; pleno descanso semanal remunerado, não inferior a 42 horas; descanso de meio dia aos sábados; revogação do trabalho noturno e das horas extras; proibição do trabalho feminino em ambientes insalubres ou perigosos; melhoria das condições de saúde e segurança do trabalho; a proibição de trabalhos prejudiciais ou perigosos para as mães e sua descendência; a ampliação das inspeções fabris a todos os setores, inclusive os serviços domésticos, bem como a participação das mulheres como inspetoras e dos trabalhadores no processo de inspeção; a proteção à maternidade através do estabelecimento de um descanso obrigatório para grávidas de 8 semanas antes e 8 semanas após o parto, com garantia de vencimentos, além de auxílio médico e obstetrício gratuito no período da gestação e do parto; a liberação das mães para

¹² KOLLONTAI, Alexandra. **A mulher e a nova moral sexual**. São Paulo: Global, 1978. p. 17.

¹³ KOLLONTAI, Alexandra. A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea. Em: **A Revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 151.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem, p. 153.

amamentação por meia hora a cada duas horas; criação de creches nas grandes corporações, as quais seriam administradas pelas mães¹⁶.

Clara Zetkin, importante revolucionária alemã, defendia que o trabalho assalariado das mulheres era historicamente inevitável (e já se fazia presente na Rússia pré 1917) e que a luta dos socialistas não deveria ser travada no sentido de sua abolição, como era pautado por alguns teóricos, e sim pela igualdade salarial entre homens e mulheres.¹⁷ Se os capitalistas insistiam no trabalho feminino porque era mais barato, os socialistas faziam a defesa da participação das mulheres no trabalho assalariado porque seria a independência econômica consistia um pré-requisito para sua emancipação.¹⁸ Escreveu Lenin em 1899:

Em relação à transformação que a fábrica operou nas condições de vida da população, deve-se observar que a incorporação de mulheres e de adolescentes à produção é, no fundo, um fenômeno progressivo. Não há dúvida de que a fábrica capitalista põe essas categorias da população operária numa situação particularmente difícil; não há dúvida de que a estas, mais do que às outras, é necessário reduzir e regular a jornada de trabalho, assegurar condições higiênicas de trabalho etc., mas a tendência a proibir por completo o trabalho das mulheres e dos adolescentes na indústria ou a manter o regime patriarcal, que não admitia esse trabalho, seria reacionária e utópica. Destruindo o isolamento patriarcal dessas categorias da população que anteriormente não saíam dos estreitos limites das relações familiares e domésticas; atraindo-as à participação direta na produção social, a grande indústria mecanizada acelera seu desenvolvimento, amplia sua independência, isto é, cria condições de vida infinitamente superiores à imobilidade patriarcal das relações pré-capitalistas.¹⁹

Importante lembrar que as mulheres tiveram papel fundamental no processo revolucionário – não à toa foi na mobilização do Dia Internacional da Mulher que a Revolução de fevereiro teve seu estopim, com mobilizações expressadas na consigna “pão, paz e terra”. As mulheres camponesas participaram do confisco das propriedades dos nobres e as operárias se reuniram para debater os problemas de baixos salários e assédios sexuais²⁰. Após a Revolução, foram fomentados espaços para debate das pautas das mulheres - durante 1917 ocorreram duas conferências regionais de mulheres, em Petrogrado e Moscou, nas quais as bolcheviques participaram, e em novembro de 1918 aconteceu a Primeira Conferência Pan-Russa das Mulheres promovida pelo Comitê

¹⁶ Ibidem, p. 157-158.

¹⁷ GOLDMAN, Wendy. Op. cit., p. 62.

¹⁸ Idem.

¹⁹ LENIN, Vladimir. O trabalho da mulher na fábrica. In: TOLEDO, Cecília (org.). Op. cit., p. 95.

²⁰ Ibidem, p. 182.

Central de Moscou²¹. Em 1919 é criado o Zhenotdel - o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas do Partido Bolchevique da Rússia Soviética.

Os debates sobre as tarefas do movimento operário de mulheres travados dentro do partido bolchevique traziam dois eixos centrais: a abolição das leis que colocavam a mulher em situação de desigualdade em relação ao homem e a libertação da mulher das tarefas domésticas.²²

Por mais que os bolcheviques reconhecessem que as leis, *per se*, não eram capazes de libertar as mulheres, o primeiro passo por eles dado foi a eliminação das leis familiares antiquadas a fim de garantir um novo marco legal para suas próprias ideias sobre relações sociais.²³ Lenin afirmou que “não deixando subsistir em suas leis o menor sinal de desigualdade da mulher, o poder soviético realizou a democracia de uma forma mais elevada que em qualquer outro país, inclusive os mais avançados”²⁴, de modo que nenhum outro Estado teria feito pela mulher nem a metade daquilo que fez o poder soviético em poucos meses de sua existência.²⁵

Foram introduzidos decretos que estabeleciam proteção legal para as mulheres e crianças que trabalhavam, bem como uma política de seguridade social. A Constituição de 1918, por sua vez, reconheceu a igualdade de direitos entre todos os cidadãos²⁶ e o Comissariado do Trabalho trouxe regulamentações sobre o fim da discriminação de gênero na contratação, bem como estabeleceu o pagamento de licença maternidade²⁷ calculada com base dos vencimentos recebidos nos três meses prévios. A maioria das mulheres trabalhadoras de colarinho branco tinham direito a licença-maternidade de seis semanas antes do parto e seis semanas após²⁸. Alexandra Kollontai, apresentou em 1918 planos para a criação de fundos públicos destinados ao cuidado materno.²⁹ Ilic relata a transição das normas trabalhistas para o trabalho feminino desse

²¹ p. 548.

²² TOLEDO, Cecília. Apresentação. In: TOLEDO, Cecília (org.). **MARX, ENGELS, LENIN, CLARA ZETKIN, TROTSKY, A mulher e a luta pelo socialismo: clássicos do marxismo.** 1ª ed. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2012. p. 19.

²³ GOLDMAN, Wendy. Op. cit., p. 69.

²⁴ LENIN, Vladimir. As tarefas do movimento operário feminino na república dos soviets. In: TOLEDO, Cecília (org.). Op. cit., p. 117.

²⁵ Idem.

²⁶ RSFSR. **Constituição República Socialista Federativa Soviética Russa de 1918.** Disponível em <http://www.scientific-socialism.de/LeninDireitoeMoral100718.htm>. Acesso em 01 dez 2016.

²⁷ CLEMENTS, Barbara Evans. Op. cit., p. 191.

²⁸ ILIC, Melanie. Op. cit., p. 58.

²⁹ CLEMENTS, Barbara Evans. Op. cit., p. 190.

período como sendo uma mudança de uma perspectiva protetiva do trabalho da mulher para uma igualitária³⁰.

O Código de Leis do Trabalho e as Regulações no Livro de Registros de Empregos, por sua vez, foram instituídas pelo Comitê Executivo após o V Congresso Pan-Russo dos Soviéticos, realizado em Moscou em 1918, estabelecendo o que viria a ser uma das primeiras codificações do trabalho no mundo. O Código previa redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias³¹, com exceção dos menores de 18 anos de idade e dos trabalhadores que exerciam trabalho difícil ou perigoso no setor industrial, os quais teriam jornada máxima de 6 horas diárias - no caso das mulheres e dos menores de 18 anos, esses eram proibidos de trabalhar no período noturno ou nessas condições de periculosidade ou dificuldade. Ainda, o trabalho noturno não poderia exceder 7 horas diárias e o horário de intervalo para descanso e alimentação era de no mínimo 30 minutos e no máximo 2 horas³². A sobrejornada era expressamente proibida, comportando somente 4 exceções (de 2 delas, 1 era sujeita ao consentimento do sindicato da categoria e outra era sujeita à inspeção local de trabalho) e não sendo permitida em nenhuma situação para mulheres ou menores de 18 anos de idade.

Para além do aspecto legal, a materialidade dos avanços estava condicionada à necessidade de socialização das tarefas domésticas em razão da inserção das mulheres no trabalho assalariado. A libertação da escravidão do lar era considerada tarefa prioritária, pois consistia em “um trabalho extremamente mesquinho que não pode contribuir em nada para o desenvolvimento da mulher”³³ e que, ao demandar todas as suas energias, a retirava da possibilidade de convívio no espaço público e de mobilização nas lutas.

Uma das medidas adotadas foi a transferência das atividades domésticas para o domínio público, não tendo sido realizado o debate a fundo sobre uma divisão igualitária de tarefas, muito embora imperasse a afirmação de que os homens deveriam “ajudar” as mulheres em casa.³⁴ Trotsky expôs a política bolchevique para o trabalho de reprodução da vida, relatando que:

A revolução tentou heroicamente destruir o velho lar familiar estagnado, instituição arcaica, rotineira, asfíxiante, no qual a mulher das classes

³⁰ ILIC, Melanie. Op. cit., p. 27.

³¹ REDFIELDS, William C. **The code of labor laws of Soviet Russia**. With an answer to a criticism by Mr. William C. Redfield. New York: The Russian Soviet Government Bureau, 1920, p. 28.

³² Ibidem, p. 28.

³³ LENIN, Vladimir. As tarefas do movimento...; In: TOLEDO, Cecília (org). Op. cit., p. 118.

³⁴ GOLDMAN, Wendy. Op. cit., p. 20.

trabalhadoras era voltada aos trabalhos forçados desde a infância até a morte. A família, considerada como uma pequena empresa fechada, devia ser substituída, no espírito dos revolucionários, por um sistema completo de serviços sociais: maternidades, creches, jardins de infância, restaurantes, lavanderias, dispensários, hospitais, sanatórios, organizações desportivas, cinemas, teatros etc. **A absorção completa, por parte da sociedade socialista, das funções econômicas da mulher, ligando toda uma geração pela solidariedade e assistência mútua, devia levar a mulher e, portanto, o casal, a uma verdadeira emancipação do jugo secular.**³⁵ (grifo nosso).

O Estado operário inovou ao criar uma série de estabelecimentos coletivos destinados à realização das tarefas outrora desempenhadas no interior do lar, em consonância com a política de socialização do trabalho doméstico defendida até então.³⁶

No entanto, a despeito dos esforços dos bolcheviques em colocar em prática as bases que sustentariam a emancipação das mulheres, os anos caóticos da guerra civil e do comunismo de guerra trouxeram barreiras à sua concretização. Em 1918 alguns sindicatos fizeram tentativas de impedir demissões em massa de mulheres das fábricas, ao passo que, no mesmo ano, foi estabelecido o trabalho compulsório para todos os cidadãos soviéticos em idade apta para tal através do Código de Leis do Trabalho³⁷. De 1918 a 1923, a proporção de mulheres no trabalho fabril sofreu um decréscimo em termos proporcionais³⁸.

Outrossim, o período que se seguiu à NEP (Nova Política Econômica), muito embora tenha sinalizado um período de estabilização e restauração da economia, de modo a possibilitar a expansão do emprego feminino³⁹, implicou em diversas dificuldades à sua concretização, a iniciar pelos altos índices de desemprego entre as mulheres então existente.

Com o fim da guerra civil, 4 milhões de homens que integravam o Exército Vermelho retornaram às cidades para se integrarem ao mercado de trabalho, substituindo milhares de mulheres nas fábricas, que eram menos experientes e vistas como menos qualificadas e merecedoras pelos empregadores.⁴⁰

Concomitantemente, as restrições econômicas da NEP e as demissões em massa oriundas da reconstrução das fábricas, aliadas aos cortes no setor de serviços sociais, onde as mulheres compunham a maioria da força de trabalho, criou um cenário

³⁵ TROTSKY, Leon. **A revolução traída**: o que é e para onde vai a URSS. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2005. p. 147.

³⁶ TOLEDO, Cecília. Op. cit., p. 19.

³⁷ ILIC, Melanie. Op. cit., p. 28.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ CLEMENTS, Barbara Evans. Op. cit., p. 195.

no qual as mulheres correspondiam a 60% da população desempregada em 1921 na Rússia⁴¹. Ao final de outubro de 1921 mais de 13 mil mulheres haviam perdido seus empregos⁴².

Muito embora a economia tenha se começado a se recuperar em meados de 1920, o percentual de mulheres dentre o número total de trabalhadores na produção industrial manteve-se praticamente o mesmo (em torno de 28%) durante todo o período de 1923 a 1929, ao passo que os homens foram muito mais rapidamente absorvidos pela expansão.⁴³

Os empregos das mulheres criados no espaço fabril concentravam-se nas indústrias têxteis, de modo que, em janeiro de 1927, mais da metade de todas as trabalhadoras em indústrias estavam empregadas na produção de algodão, linho e lã. Somados com os empregos na indústria de alimentos e de roupas e cosméticos, o percentual some para mais de 70%.

É possível notar que as mulheres se mantiveram concentradas nas tradicionais áreas de empregabilidade feminina, em especial a indústria leve, os serviços públicos, a saúde e educação⁴⁴. Mais de 50% dos homens, por sua vez, estavam concentrados nas indústrias de processamento de metais e construção de máquinas e na mineração e seus correlatos⁴⁵.

A problemática do desemprego entre as mulheres foi objeto de discussão do XIII Congresso do Partido Comunista, realizado em 1924, onde reconheceu-se a situação precária do trabalho das mulheres. Dado que se tratava de não era mera consequência da situação econômica da Rússia à época, o Congresso enfatizou que “a preservação das mulheres trabalhadoras na produção tem um significado político”⁴⁶.

Sobre a discrepância da recontração de homens e mulheres, Goldman relata que:

Ironicamente, as características mais progressistas da legislação trabalhista soviética, tais como a licença-maternidade remunerada, a proibição do trabalho noturno para as mulheres e as restrições de trabalho para mulheres grávidas e lactantes, frequentemente incitavam os administradores a demitir

⁴¹ GOLDMAN, Wendy. Op. cit., p. 150.

⁴² ILIC, Melanir. Op. cit., p. 33.

⁴³ GOLDMAN, Wendy. Op. cit., p.154.

⁴⁴ ILIC, Melanir. Op. cit., p. 30.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ *Trinadtsatys'ezd RKP (B). Mai 1924*. Moscou: **Stenograficheskiiotchet**, 1963. p. 678-680 *apud* GOLDMAN, Wendy, Op. cit., p. 157.

mulheres e substituí-las por homens. As mulheres eram consideradas mais custosas para se empregar.⁴⁷

Na tentativa de combater a discriminação contra o trabalho feminino, o Comissariado do Trabalho, Seguridade Social Planejamento Econômico, junto dos sindicatos, emitiu decretos que instruíam os administradores de fábricas a, caso realizarem demissões, o fazerem em proporção igual de homens e mulheres com mesmas habilidades. Foi proibida a demissão de mulheres grávidas e lactantes em licença, sendo que mães com filhos teriam prioridade em permanecer no emprego. Da mesma forma, permitiu-se que as mulheres que fossem demitidas continuassem a usar a creche destinada aos trabalhadores.⁴⁸

No entanto, os decretos tiveram pouca efetividade prática e imperou a demanda dos administradores em maximizar os lucros, de modo que forçaram uma retirada das previsões trabalhistas de proteção às mulheres até então em vigor, com a revogação, em 1924, da proibição do trabalho noturno e insalubre das mulheres.⁴⁹

A despeito da proibição de discriminação salarial, em meados dos anos 1920 as mulheres ainda recebiam 65% da remuneração dos homens, muito embora trabalhassem o mesmo número de horas.⁵⁰ Elas estavam alocadas nos postos mais precários e concentradas nos trabalhos braçais, que exigiam menor número de habilidades, fato que contribuía para a existência das discrepâncias salariais. Não obstante, mesmo quando tinham ocupações idênticas, era possível notar que as mulheres recebiam menos que os homens⁵¹.

A reestruturação da economia promovida pela NEP e os cortes nos serviços sociais trouxeram, além do desemprego, o fechamento de creches, lares infantis e refeitórios comunitários⁵², o que implicou em dificuldades na concretização da política de socialização do trabalho doméstico e submeter as mulheres à dupla jornada de trabalho.

Com a adoção do primeiro Plano Quinquenal de Joseph Stalin em 1928, o aumento da industrialização implicou em uma expansão da força de trabalho soviética, com ênfase no trabalho fabril, o que restaurou parcialmente o recrutamento de mulheres nos empregos da área. Para muitas das mulheres recém empregadas pela expansão, era o

⁴⁷ Ibidem, p. 155.

⁴⁸ Ibidem, p. 157.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Ibidem, p. 164.

⁵¹ ILIC, Melanir. Op. cit., p. 32.

⁵² Ibidem, p. 168 e 170.

primeiro emprego remunerado que exerciam. Inúmeras vinham do campo ou tinham exercido o trabalho doméstico não remunerado com exclusividade até então, o que implicou em uma absorção da mão-de-obra frequentemente muito jovem, com baixos níveis de educação profissional e treinamentos técnicos⁵³.

No entanto, muito embora o número de mulheres empregadas nos anos 1930 tenha aumentado significativamente, muito menos ênfase foi dada na introdução, implementação e reforço das medidas protetivas ao trabalho das mulheres. É possível afirmar também que muito pouco foi para se garantir a socialização do trabalho doméstico, pauta tão cara aos debates das mulheres socialistas. Praticamente todo o trabalho não pago de cuidado dos filhos e do lar voltou a ser responsabilidade delas⁵⁴.

Assim, muito embora a política traçada para o trabalho das mulheres à época fosse mais avançada no aspecto garantista do que a existente nos países capitalistas à época, fato é que sua concretização encontrou inúmeros obstáculos, não sendo possível creditá-los somente à situação econômica do pós-guerra. Muito embora as mulheres tivessem participação em diversas instâncias de direção e também militassem na base do partido, as pautas concernentes a elas encontravam, quando não resistência, dificuldades de aplicação como consequência da sua secundarização.

Referências bibliográficas

CLEMENS, Barbara Evans. **A history of women in Russia: from earliest times to the present**. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936**. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Boitempo: Iskra Edições, 2014.

ILIC, Melanie. **Women workers in the soviet interwar economy**. London: Macmillan Press, 1998.

KOLLONTAI, Alexandra. **A mulher e a nova moral sexual**. São Paulo: Global, 1978.

_____. A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea. Em: **A Revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017, pp.

_____. Da história do movimento das trabalhadoras na Rússia. Em: **A Revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017, pp.

⁵³ ILIC, Melanir. Op. cit., p. 37.

⁵⁴ Ibidem.

LENIN, Vladimir I. As tarefas do movimento operário feminino na república dos soviets. In: TOLEDO, Cecília (org.) **MARX, ENGELS, LENIN, CLARA ZETKIN, A mulher e a luta pelo socialismo: clássicos do marxismo.** 1ª ed. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2012.

_____. O trabalho da mulher na fábrica. In: TOLEDO, Cecília (org.) **MARX, ENGELS, LENIN, CLARA ZETKIN, TROTSKY, A mulher e a luta pelo socialismo: clássicos do marxismo.** 1ª ed. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2012.

\POKROVSKAIA, M.I., *Peterburgskaiarabotnitsa*, Mir bozhii, n. 12 (dez 1900): 35 *apud* ENGEL, Barbara Alpern. **Beetwenn the fields and the city: Women, work, and Family in Russia, 1861-1914.** Cambrigde: Cambrigde University Press, 1996.

REDFIELDS, William C. **The code of labor laws of Soviet Russia.** With an answer to a criticism by Mr. William C. Redfield. New York: The Russian Soviet Government Bureau, 1920.

TOLEDO, Cecília. Apresentação. In: TOLEDO, Cecília (org.) **MARX, ENGELS, LENIN, CLARA ZETKIN, TROTSKY, A mulher e a luta pelo socialismo: clássicos do marxismo.** 1ª ed. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2012.

TROTSKY, Leon. **A revolução traída: o que é e para onde vai a URSS.** São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

WEBB, Beatrice; WEBB, Sidney. **URSS: uma nova civilização.** Tradução de Luis C. Afilhado e Edison G. Dias. v. 1. Rio de Janeiro: Calvino, 1945.